

EXPERIMENTOS E EXPERIÊNCIAS COM A VESTIMENTA

FLÁVIA LEITE AZAMBUJA¹;
EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES; CLAUDIA TEIXEIRA PAIM³

¹Universidade Federal de Pelotas – flavia.leite09@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br

Universidade Federal de Rio Grande – claudiapaim10@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa seguir ocorre no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas sob a orientação das professoras Eduarda Gonçalves e Claudia Paim. Esta trata de questões que envolvem a paisagem e meu corpo movendo-se e relacionam-se com ela, também sou envolvida por ações que tratam de ninhos, abrigos dentro de proposições artísticas e poéticas.

Experiência I, II e III – Vestimenta, receberam esta denominação pelo fato de vestir, revestir, abrigar, proteger o corpo. As experiências tiveram seus inícios com uma caminhada pelo lugar escolhido a fim de que não o reconhecessemos. Encontrado o lugar com vistas desejáveis, despi-me das roupas convencionais, e cobri-me com a vestimenta. Além da experiência corpórea, obtive fotografias que mostram os movimentos de habitação e interação no espaço. Com os movimentos busquei que a vestimenta transitasse entre saia e cabana devido as suas proporções. Durante a experiência busquei habitar seu interior, cogitando que fossemos um só corpo a brincar com as percepções causadas pelo vento de beira de praia, da beira da lagoa...

As Experiências I, II e III se complementam e dão continuidade uma as outras, todas com o caráter de experimentação da vestimenta na paisagem. Buscando abrigar-me, corpo; Abrigar-me vulnerabilidade; Abrigar-me frágil; Abrigando-me forte... A vestimenta tem revelado e ajudado-me a compreender novas sensações e aprendizados através dos saberes do corpo. Durante a Experiência I, II e III–Vestimenta, fui surpreendida pela potencialização de sensações ocasionadas pela utilização da vestimenta sobre meu corpo, posteriormente maravilhei-me quando me deparei com o material fotográfico produzido e o tamanho e potência de sua qualidade imagética e poética. A vestimenta é parte de uma pesquisa que busca por experiências, vivências poéticas, ativação da percepção e do espaço, potência poética na vida. Por tanto são de grande valia todas as ocorrências, experiências e aprendizados que cruzarem o caminho. Deste modo coloco-me em movimento almejando experiências e ações que aproximem-se da land art, de uma arte feita na paisagem, onde ela destaca-se e tem grande potência.

2. METODOLOGIA

A vestimenta foi construída utilizando tecido claro em grandes medidas, cortado e costurado por mim, após sua finalização busquei experimentá-la de diversas formas. Busquei experiências de corpo, vestimenta e paisagem. A seguir encontrasse os registros fotográficos da Experiencia III- vestimenta.

Fragmento de registro fotográfico da Experiência III- vestimenta, 2016.



Nos registros das experiências observo, que no inicio das imagens podemos detectar três peles que parecem integrarem-se, oscilando entre três ou menos corpos que interagem e não percebem barreiras. Corpos que interagem, invadem, entremeiam-se, penetram-se, são três (corpo, vestimenta e a paisagem) que tornam-se dois ou até um só. Meu corpo durante a experiência sentiu-se interagindo com os elementos, como se corpo, vestimenta e paisagem fossem integrando... (Lembrei-me do prof. Jucemar que tanto falava do “imenso outro” que consiste em tudo que não sou eu...) senti como se fosse um imenso eu, como se todos os elementos me compusessem e me tornassem mais viva, vivificante naquele momento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos dias seguintes refletindo sobre o corpo, pensava sobre os corpos que por diversos motivos e modos de criação são tolhidos das experiências mais sensoriais, estas para mim são de grande importância principalmente pelo fato de fazer-me sentir mais viva e ativa, percebendo que meu corpo por inteiro vive e pulsa. Beatriz Ferreira Pires, em ‘O corpo como suporte da arte’, salienta:

“Sabemos que antes de qualquer opinião, estética ou não, o que primeiro nos invade é a sensação, e que a base de todas as sensações é o corpo físico. É através dele que estabelecemos nossas relações com tudo o que é externo a nós, e é através dele que, mesmo inconscientemente, se manifesta tudo o que é interno a nós”. (PIRES, 2005, P. 20)

Em meio a estes saberes, relembo um domingo de passeio, que relato fragmento a seguir: ... saímos para almoçar, na mesa ao lado observo um menino que utilizando uma caneta desenha sem parar sobre sua pele. Olhando ele, reflito: o corpo é matéria, material, suporte, ferramenta... para trabalhar. É ou deveria ser o elemento que mais aprendemos, conhecemos, exploramos. O corpo tem a potência para sentir, perceber, pulsar, viver... Para tanto relembo, não tenho um corpo, sou ele.

4. CONCLUSÕES

A vestimenta é o invólucro para o corpo que traçou percursos em meio a natureza e paisagem. Abrigo e membrana, que entra em contato com o corpo e com a natureza por ser segunda e terceira pele. Podendo a vestimenta ser um modo, uma alavanca de experimentação e vivificação do corpo e do lugar. A cor clara aparece com o intuito de não distinguir-se tanto das paisagens escolhidas, pois estas trazem tons semelhantes e suaves. As formas aparecem em meio a

registros porque durante a experimentação não imaginava o que resultaria em imagem, tentei dedicar-me as sensações do meu corpo, naquele lugar, naquelas condições, busquei integrar corpo, objeto e paisagem.

Ultimamente minhas reflexões têm sido rodeadas por questões de vestir, revestir e abrigo.

Fotografia de 1996, acervo Pessoal.



Quando gerados somos abrigados no útero de nossa mãe.

Quando criança, buscamos abrigo nos braços de nossos pais, ou na falta deles escondemos nossa cabeça debaixo do lençol e cobertas, na tentativa de fugir do escuro e de tudo que possa habitá-lo.

Quando criança, inventamos lugares para abrigar-nos estes vão desde: debaixo da mesa, dentro do roupeiro... Buscamos abrigo – segurança, isso é encontrado em um chapéu, urso de pelúcia, enfim depositamos a confiança de estarmos seguros em objetos.

Eu acreditei que durante meu sono, estar com a mão enfiada no “meu gelado” (travesseiro) me deixaria segura.

O tempo passou e os medos e inseguranças não cessaram, e abrigar-me em uma casa é confortável, me protege das intempéries, protege meu corpo. Mas minhas ideias seguem vulneráveis, seguem vagando no mar de possibilidades que é estar viva; elas saem noite à fora, dia à dentro, fogem do meu domínio, da minha segurança e me levam a lugares...

Como posso abrigar-me fora de minha casa, fora do ambiente doméstico, domesticado?

Como o corpo encontra abrigo em meio a natureza não domesticada? Abrigo físico e mental... Posso abrigar-me na arte? Abrigar-me numa poética inventada e vivenciada por mim, para mim?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARERI, Francesco. **Walkscapes**. Barcelona: Gustavo Gili, AS, 2002.
- COSTA, Cacilda Teixeira da, **Roupa de artista- o vestuário na obra de arte**, São Paulo, EDUSP, 2009
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo, SP, Perspectiva, 2011.
- DUARTE JR. João Francisco. **O Sentido dos Sentidos: A educação (do) Sensível**. 2001
- FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda **Dicionário Aurélio Século XXI**.
- MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**/ Viviane Matesco. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MERLEAU-PONTY . Maurice- **Fenomenologia da Percepção**. 4^aEd. – São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**, Senac São Paulo. 2005
- RESTANY, Pierre. **O Poder da Arte / Hundertwasser / O pintor das cinco peles**, Ed. Taschen, 2003